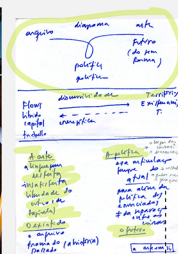


A photograph of a person lying on their back on a large, rectangular, light-colored cardboard box. The person is wearing a pink and white striped long-sleeved shirt and dark pants. They are wearing headphones and have their hands clasped over their chest. The box is placed on a light-colored floor. In the background, other people are partially visible, including one person sitting on a similar box and another person standing. The overall scene suggests an art installation or a performance piece.

CRISTINA RIBAS

***Portfolio de artes visuais
[e alguns projetos]***

cristinaribas.org
contato cristinaribas88 (arroba) riseup.net



Arquivo

diagrama analisador

estado de emergência

Analizador 1989

protofascismo
conservadorismo

rio rumor

política pública
política privada

FRONTEIRA

PONTE
RIO-RUMOR

fake news

1989
2022

omni

préambulo

Analizador 1989

2022

diagrama em plataforma digital
(Miro)
vídeo e áudio

Acesse trabalho na íntegra no link
#teteia4
<https://teteia.org/post/696195796558872576/analizador-1989>

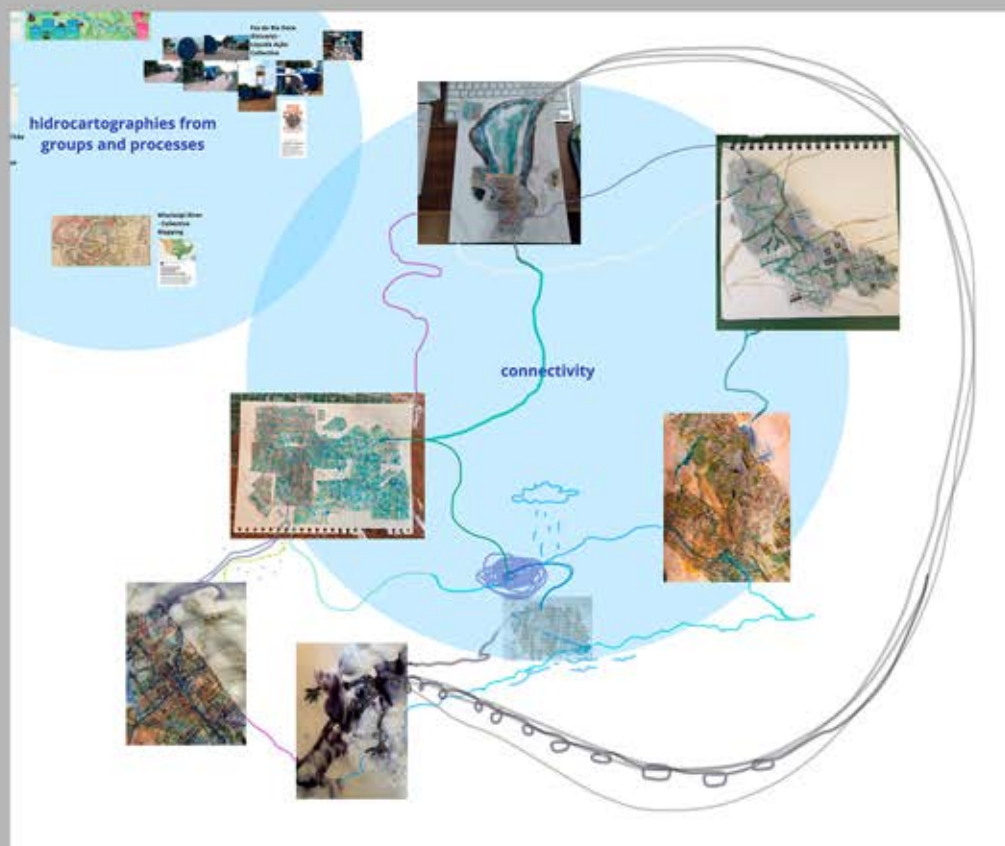
CRISTINA RIBAS e PAUL SCHWEIZER

Oficinas de Hidrocartografia

2020-2022

Oficinas realizadas on line ou presencialmente

Oficinas de Hidrocartografia nas quais desenvolvemos a ferramenta da cartografia das águas, ou dos fluxos analisando a cartografia 'tradicional' como sendo uma cartografia 'árida', orientada a representar os territórios de maneira estática. As oficinas misturam a experiência em artes de Cristina e de geografia de Paul; apresentando conceitos e ferramentas da cartografia crítica, da contra cartografia, realizada em processos coletivos e lutas situadas. A cada oficina (já realizamos três) vamos trabalhando aspectos diversos: hidrofeminismo, contágios, pandemia; conectividade das águas; hidrosolidariedade, entre outros.

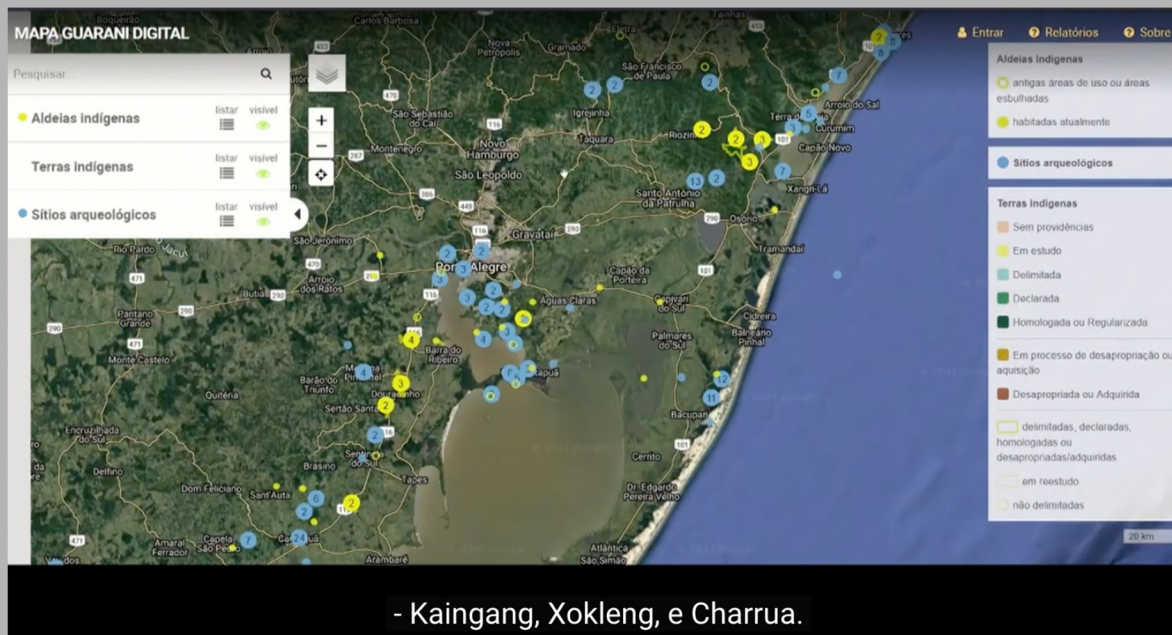




Tekoa Rangaa - Desenho da Aldeia

Cristina T. Ribas , Lucas S. Icó e
João Maurício Farias
vídeo, 27 minutos
2022

Disponível no youtube no site do
Coletivo Catarse
<https://youtu.be/rvhWsjuNeoY?si=vk204Ep4zzKOqsiA>





It's not from now that the Guarani have been doing this walk.



Tekoá Rangaa / Desenho da aldeia, 2021. 27'
Lucas Icó, Cristina Ribas e João Mauricio Farias

No Brasil, a luta dos povos indígenas pela terra está se tornando cada vez mais difícil. Até mesmo a demarcação de terras – que garantiu alguma forma de reparação para a usurpação de terras que começou com a colonização e várias invasões subsequentes por Juruá (não indígenas) – não foi implementada. No sul do Brasil, quatro povos originários coexistem: Mbyá Guarani, Xokleng, Kaingang e Charrua. O vídeo se concentra em ouvir uma família de Mbyá Guarani contando sua história de terra retomada há mais de 20 anos: Kerexu (Laurinda Gomes), que é mais velha (xedjari), Yva (Talcira), sua filha, duas de suas irmãs e seus netos Yva (Araci) e Karai (Everton).

A conversa trata das dificuldades impostas pelos não indígenas ao seu modo de vida, e sua relação com o crescimento alimentar e o

ambiente circundante, humano e mais do que humano. Também expõe a contradição com os limites de terra que depende a demarcação de terras indígenas, um conceito conflitante para a maioria desses povos, uma vez que, por exemplo, para o Mbyá-Guarani, território é liberdade de movimento – seu guatá no ancestral Yvyrupá. A cartografia, ferramenta do Juruá (não indígena), torna-se, portanto, um instrumento de proteção para esses povos. Com cartografia e desenho, os indígenas narram e imaginam suas experiências tradicionais, servindo como registro, uma troca de percepção entre aldeias, proteção e uma ferramenta para garantir o livre acesso e uso de suas terras ancestrais.

O projeto foi comissionado pelo Goethe Bruxelas para a mostra *Transformations* (CCA-Glasgow), durante a COP 26.

Disponível em:
<https://ccaannex.net/entry/tekoa-rangaa-drawing-of-the-village/>

CRISTINA RIBAS

Improvisação coletiva como método de pesquisa

2023

Seis encontros com um grupo de 15 pessoas (mulheres e pessoas não binárias)

Deriva com improvisação [pública] ao final dos encontros



A oficina criou um espaço interdisciplinar de pesquisa, improvisação teatral e aprendizagem, trocando sobre práticas artísticas e de performance - e também a partir das práticas feministas e de 'espaço seguro'. Esta oficina se dirigiu em especial a refletir sobre a crise das coletividades e do comum/esfera pública, da individualidade e dos cuidados. Aconteceram jogos teatrais, leituras e escritas de textos curtos e construção de cenas, abrindo-se aos encontros fortuitos em que a improvisação coletiva aparece não só como conexão atual entre as participantes e mas também com quem encontra este corpo-coletivo.





CRISTINA RIBAS
Vocabulários políticos (clínica da política)
2019

oficina de improvisação teatral com concepção de performance final

Realizado no EAC - Espacio de Arte Contemporáneo, Montevideo, 2019

A oficina faz parte da série de oficinas que venho realizando, chamadas de Protocolo para interseccionar vocabulários. Desenvolvida com recursos de improvisação teatral, leitura de textos e pesquisa realizada pelos participantes. O conceito de 'vocabulário político' é pensado para mapear que os termos usam, que conceitos movem, que palavras tocam as práticas artísticas e as experiências de vida das participantes.

A oficina de Montevideo teve sete encontros. Participaram nove mulheres. Concebemos uma performance para ser apresentada na noite da inauguração das exposições do EAC em 27 de março de 2019.

As participantes responderam à chamada aberta de oficinas gratuitas organizadas pela instituição - O Espacio de Arte Contemporáneo - que está localizado em uma antiga prisão, na cidade de Montevideo.



Grupo: dispositivo:situação

Cristina Ribas e Lucas S. Icó.

2018

ação performática, com roteiro participativo e jogos de improvisação teatral
45 minutos

Realizado no Seminário Desilha, Centro Cultural Hélio Oiticica, Rio de Janeiro



Ação performática construída a partir de repertórios dos estudos de processo grupal, Teatro do Oprimido e jogos de improvisação, psicanálise, esquizoanálise e textos de grupos políticos como Tiqqun e Situaciones. Criamos um roteiro de participação para as pessoas presentes, criando uma performance participativa. Trouxemos também alguns elementos cênicos e usávamos maquiagem anti-reconhecimento facial. O roteiro da ação convidava o público a participar da ação com algumas proposições - inclusive para destruir o espaço.

A ação aconteceu entre o primeiro e o segundo turno das eleições de 2018, um momento muito tenso politicamente no Brasil e que confirmava a ascensão de um governo fascista. A performance queria trabalhar forças e tensões, e também formas de representação, expressão, comunicação.



Redes de cuidado e redes de criação

Cristina Ribas

2018

espaço de criação, cuidado e pesquisa a partir de oficinas de improvisação teatral

5 encontros

Realizado no Despina, espaço de studios e residências artísticas, Rio de Janeiro

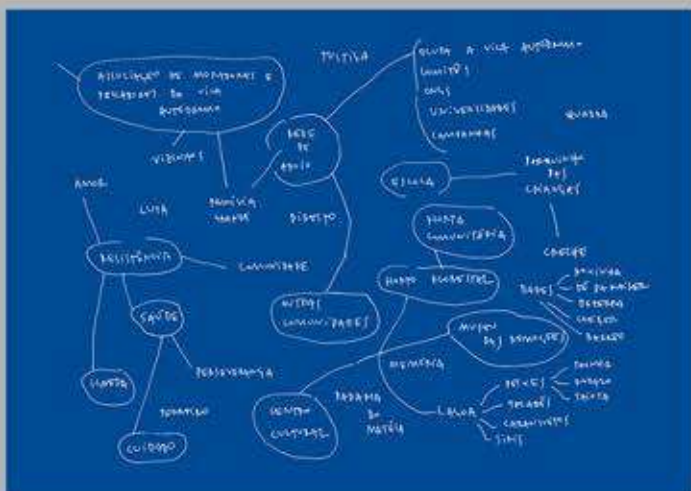


A oficina-processo pensou a relação entre a rede de cuidado e rede de criação de pessoas envolvidas diretamente ou não em relações de cuidado. A chamada para participação era aberta a quem tivesse interesse mas havia vagas reservadas para pessoas não-brancas nem cis. A oficina constituía um espaço de aprendizagem e troca a partir de uma perspectiva feminista e da atenção aos trabalhos reprodutivos. A ideia de uma 'cartografia ativa' mobilizava os encontros, surgindo de nossas relações, experiências e estratégias de cuidado e criação, compartilhando e pesquisando juntas a partir de modos expressivos que surgem com os jogos de improvisação, do corpo animado, brincando. A oficina organizou cinco encontros de 4 horas cada. Fazia parte da oficina o espaço de uma creche para que mães ou pessoas que cuidam de crianças pudessem participar e dividir o cuidado com outras pessoas.

Vocabulários em movimento / vidas em resistência - Vila Autódromo

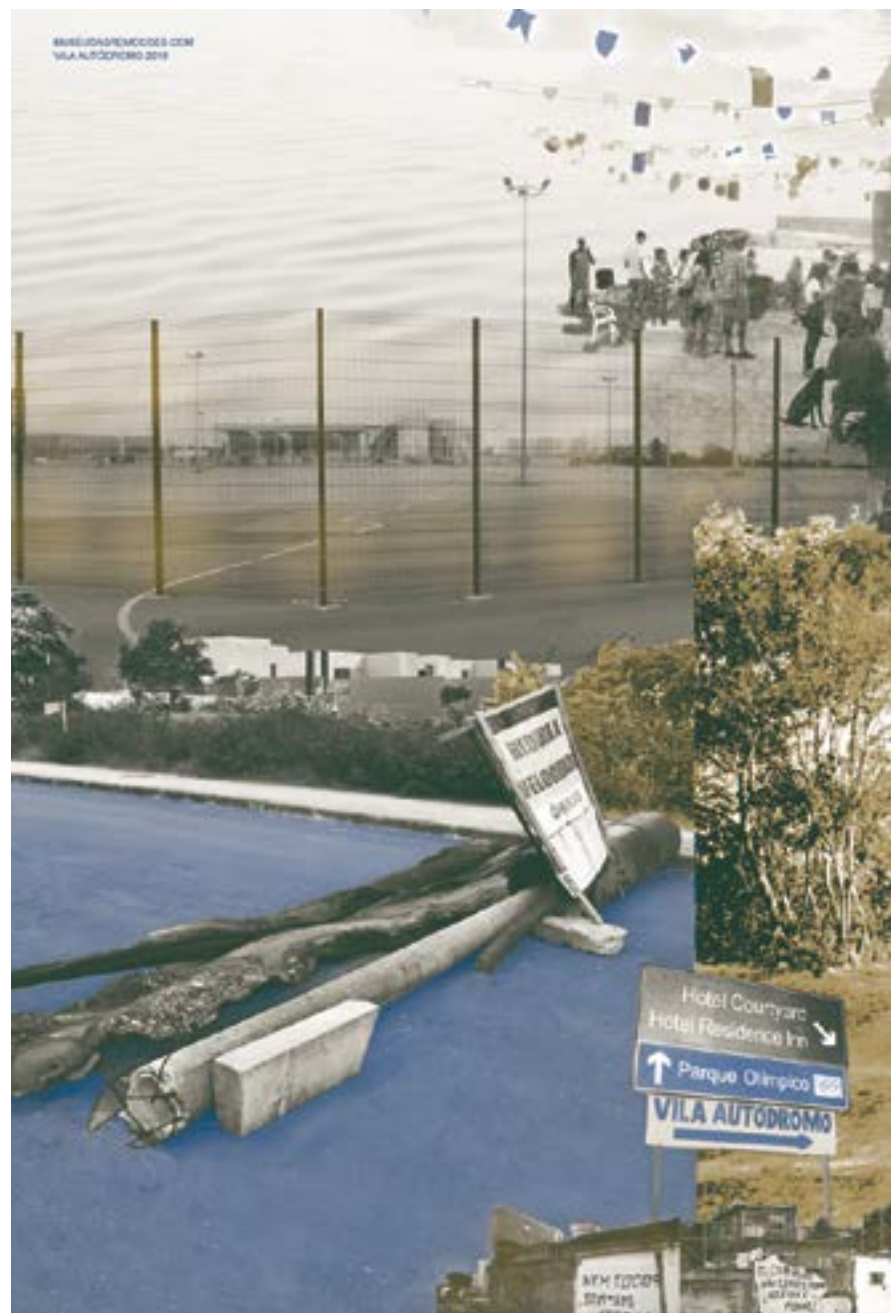
Cristina T. Ribas e Lucas S. Icó
2017-2019

livreto/glossário (46 pgs),
3 cartazes A3 (impressão risograph),
3 vídeos (improvisação teatral,
caminhada e deriva ao redor da Vila A.)



Em 2017 realizamos uma cartografia da memória da luta da Vila Autódromo, no Rio de Janeiro. Para tal, conversamos com os moradores que resistiram a demolição de suas casas, de onde surgiu também uma série de desenhos na forma de diagramas como maneira de organizar os temas a serem abordados na publicação "Vocabulários em movimento \(\) vidas em resistência: singularidades da luta a partir de conversas na Vila Autódromo". Em 2019 retomamos o contato com a Vila, produzindo três cartazes a partir de fotografias nossas e do acervo Memória e Luta, do morador Luiz Claudio Macena. Realizamos também três vídeos (não estão nas imagens): um sobre as caminhadas de Denise dos Santos, uma das moradoras da Vila, outro a partir de oficinas de improvisação teatral como memória das práticas teatrais da Vila de 15 anos antes, e outro uma deriva de um caminhante oculto, fazendo um percurso completo na área atual da Vila.

Vocabulário impresso financiado por Goethe Institute, projeto Futuro da Memória.
Demais trabalhos comissionados pela exposição (Con)vivências, no19 Le Crac, Montbelliard, França, curadoria de Adeline Lepine

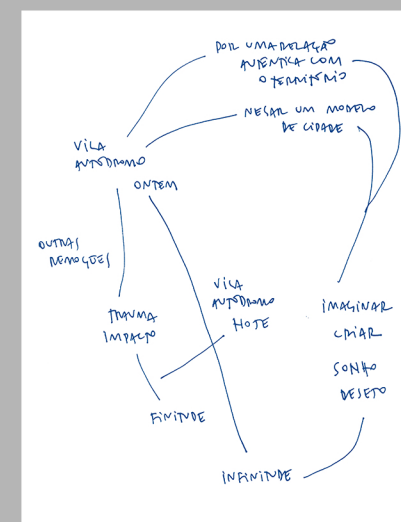


Quando em 2017 realizamos uma cartografia da memória da luta da Vila Autódromo, no Rio de Janeiro, realizamos uma série de desenhos na forma de diagramas como maneira de organizar os temas a serem abordados na publicação “Vocabulários em movimento \^ vidas em resistência: singularidades da luta a partir de conversas na Vila Autódromo”.

Dentre os vários diagramas que desenhei, dois entraram na publicação. Um apresenta a estrutura tanto física como de apoio na luta, e temporalmente apresenta o que a Vila tinha antes e aquilo que se pretende reconstruir - por que foi destruído ou porque foi acordado com a Prefeitura (até hoje não construído). O outro apresenta uma espécie de mapa temporal e emocional entendendo as emoções dos moradores da Vila diante da destruição física de sua comunidade e de sua convivialidade.

**Diagramas
passado/presente/futuro
vidas em resistência /
vila sonho/desejo
a partir da cartografia com a
Vila Autódromo
2017**

desenho à mão, A4 e variável



***Vocabulários em movimento /
\\ vidas em resistência - Vila Autódromo***

Cristina T. Ribas e Lucas S. Icó
2017-2019

livreto/glossário (46 pgs),
3 cartazes A3 (impressão risograph),
3 vídeos (improvisação teatral,
caminhada e deriva ao redor da Vila A.)

Exposição (Con)vivências, no
19 Le Crac, Montbelliard, França,
curadoria de Adeline Lepine

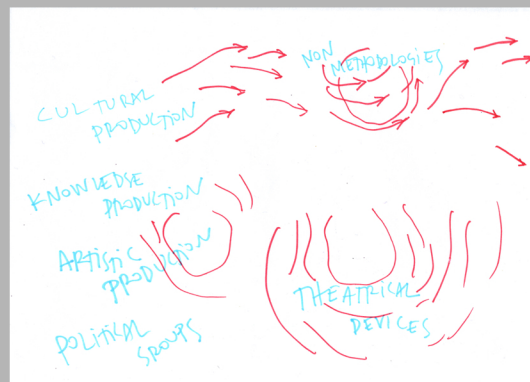
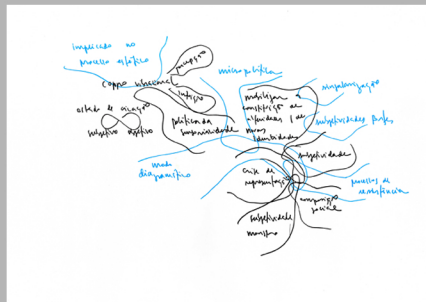
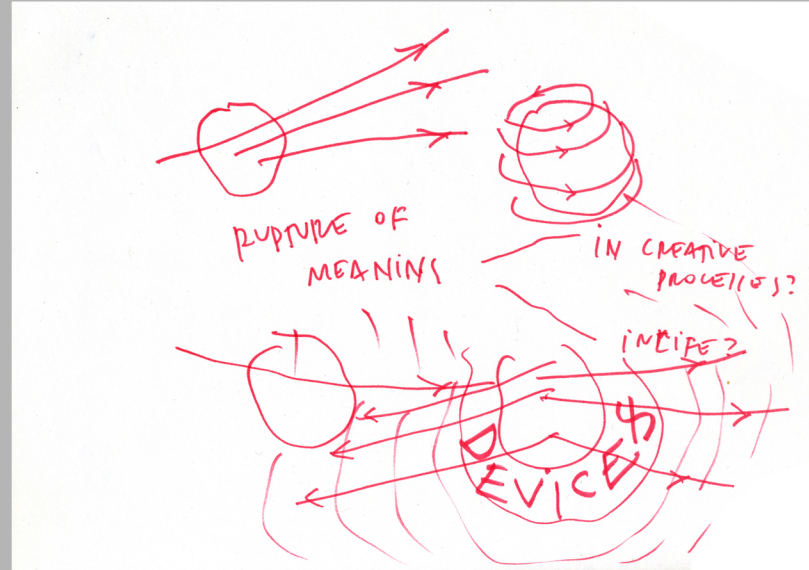
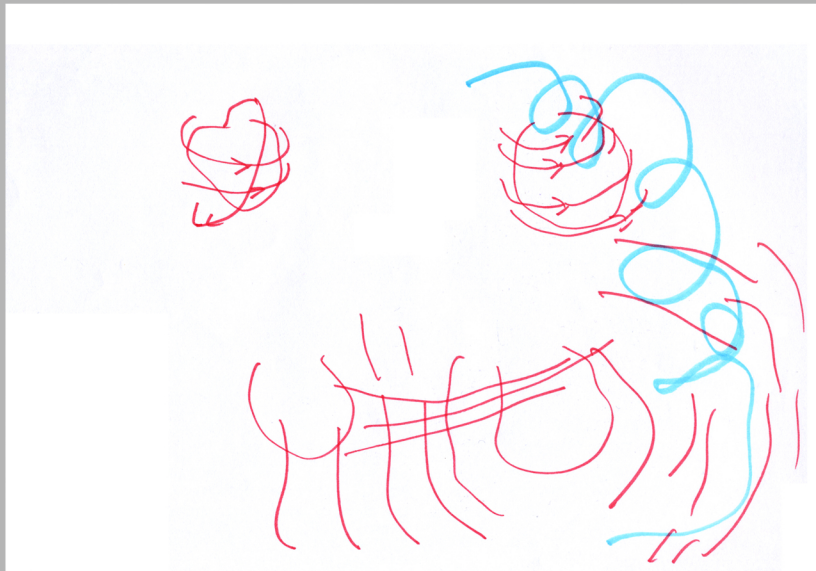


CRISTINA RIBAS
Diagramas / Diagrams
2014-2017

desenho / drawing

tamanhos variam (A4 e A3) / size varies (between A4 and A3)

Tenho desenvolvido uma série de desenhos que são produzidos ao estudar e anotar. Estes desenhos estão se tornando um grande trabalho nos últimos três ou quatro anos. Eu tenho anotado estes desenhos. Eles podem ser exibidos tanto projetados como originais ou cópias em papel. Tenho também dois vídeos de desenho ao vivo. A série mais recente trata do conteúdo de minha tese de doutorado e gira em torno da esquizoanálise e do teatro político e práticas corporais.

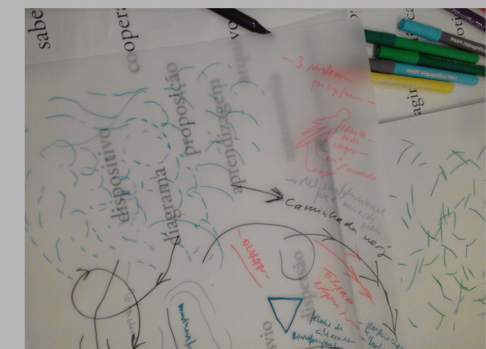
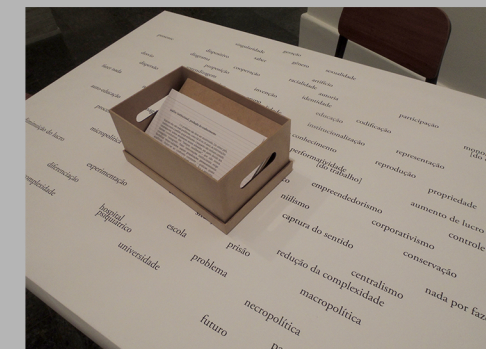


singularidade
 saber
 presente dispositivo
 diagrama cooperação
 proposição
 desvio aprendizagem
 arquivo
 dispersão autonomia
 grupo
 grupalidade
 invenção
 identidade
 educação
 codificação
 participação
 monolinguagem
 [do capital]
 reprodução
 propriedade
 aumento de lucro
 controle
 corporativismo
 conservação
 nada por fazer
 centralismo
 redução da complexidade
 macropolítica
 passado
 futuro
 necropolítica
 problema
 escola
 situação
 crise
 diminuição do lucro
 experimentação
 diferenciação
 aumento da complexidade
 hospital
 psiquiátrico
 universidade
 evento
 micropolítica
 semiotização
 comum
 público
 empreendedorismo
 niilismo
 captura do sentido
 processo de subjetivação
 imaginação
 [da política]
 não-saber
 auto-produção
 análise
 produção de conhecimento
 performatividade
 [do trabalho]

Proto-diagrama / 2014-2017

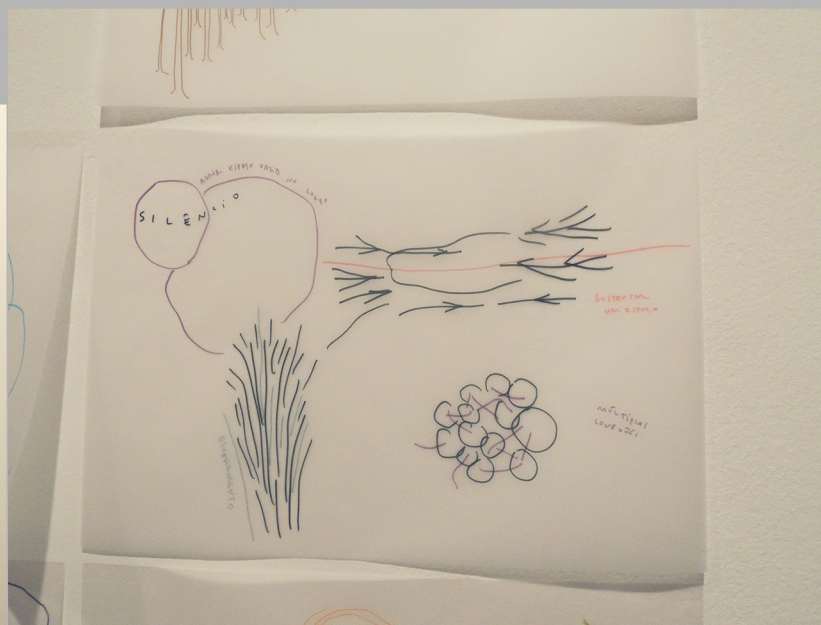
digital, A4 e variável

(abaixo) Exposição Painéis de pressão,
 Curadoria de Fernanda Pequeno
 Centro Cultural Municipal
 Hélio Oiticica, 2017



O Proto-diagrama é um pré-diagrama e pode ser usado para desenhar trajetórias com papel transparente. De forma que cada pessoa ou grupo narre uma experiência de vida, sua forma de atuar, seus valores e práticas. Usado em oficinas e apresentações participativas.

O Proto-diagrama também foi usado no trabalho de arte “Mapas para Análise Institucional”, como um dos disparadores de 5 conversas com pessoas envolvidas com a universidade UERJ. O experimento aconteceu no contexto de uma exposição de artes, e tinha o objetivo de conversar a partir da crise na UERJ entre os anos de 2015 e 2017, que colocaram a universidade a perigo de fechar.



Proto-diagrama / 2014-2017

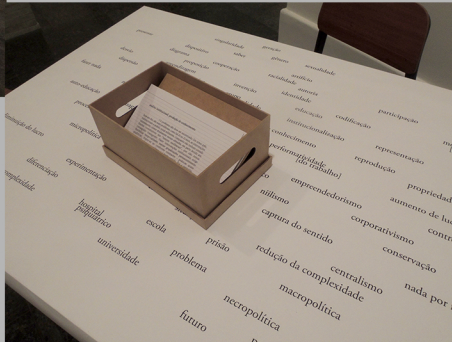
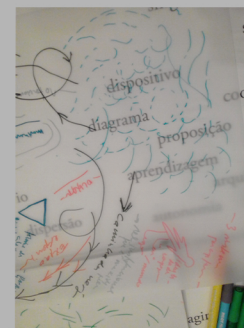
1,2 x 0,90 m (em cima de uma mesa)

10 desenhos-diagramas
(re)desenhados
a partir dos diagramas desenhados
em conversa

24 fichas com citações
de conteúdo da análise
institucional

4 perguntas
da Economista

Exposição Panelas de pressão,
Curadoria de Fernanda Pequeno
Centro Cultural Municipal
Hélio Oiticica, 2017



CRISTINA RIBAS

Vocabulário político para processos estéticos

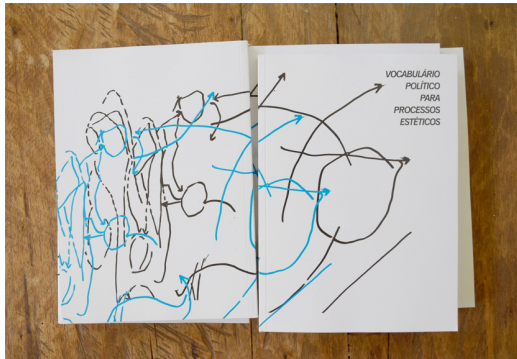
2014-2015

concepção, catalização e edição, projeto de pesquisa coletivo finalizado em livro

A concepção do Vocabulário político para processos estéticos aconteceu em paralelo ao ciclo de protestos que eclodiu no Brasil no começo do ano de 2013, e foi conhecido como Ciclo de Junho, Jornadas de Junho, entre outros. Esse ciclo demarcou um levante ao redor das lutas por direitos civis básicos, assim como uma defesa e um debate intenso sobre a democracia. Um sem número de grupos surgiu, protestos se intensificaram, e a criação afirmou-se como parte da luta política. O objetivo inicial do projeto era criar um dispositivo que trabalhasse junto aos diversos processos e passagens entre práticas estéticas e políticas que ocorriam nesse ciclo. Participantes convidados vem de experiências diversas em espaços de arte, instituições acadêmicas, movimentos sociais, produção cultural, entre outros.

O projeto organizou uma série de conversas, oficinas e no processo de desenvolvimento do livro produziu-se um mapeamento de conceitos e práticas que pudessem ser compartilhadas. O livro se torna então 'mais que um glossário', um bastardo entre práticas estéticas e políticas. Os mais de 20 participantes investiram em modos e estilos distintos, variando do diagrama ao texto narrativo, poético, teórico ou propositivo.

As atividades do projeto aconteceram no Capacete, na UERJ, Casa Nuvem e na Aldeia Gentil. A lista completa de autores pode ser encontrada no site do projeto. O livro tem distribuição gratuita, também em versão digital.



Imagens

Acima: capa do livro Vocabulário político para processos estéticos

Direita: oficina de preparação do livro no Capacete, Rio de Janeiro, 2014

<http://vocabpol.cristinaribas.org>



Lições de Arquitetura, Lições de Urbanismo

(trabalho em processo)

2011

fotografia e back light, 3 imagens de 32 x 22 cm cada

A coleção de fotografias usadas em *Lições* é de minha autoria. Registra prédios modernistas tais como o COPAN (São Paulo), a Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, e algumas imagens das passagens subterrâneas para carros nos eixos de Brasília. Em meio a essas imagens aparentemente dessubjetivadas, meu corpo aparece como intervenção, interferindo na sua estabilidade, e talvez ajudando a resistir à fetichização daqueles prédios e estilo. As imagens não foram produzidas como fotografia clássica ou documental e querem funcionar mais como estudos da experiência naqueles espaços, tais como anotações esparsas a partir de teorias e conceitos. As imagens desenhavam uma narrativa incerta permitindo o olhar para detalhes e para elementos que apontam diversas ficções e singularizações nesses espaços e prédios que vivem um processo de constante de visibilização e invisibilização.

As imagens em branco abrem o que chamo de 'positivos totais', agindo como falhas nessas narrativas. Elas abrem espaços em branco desejando abrir lacunas para gestos e miradas não registradas, e sobretudo, as das participantes e dos participantes eles mesmos.

As imagens são organizadas como em uma folha de contato, impressas em papel de backlight.





CRISTINA RIBAS
Protótipos/Cortado - colagens
2012

instalação composta por fotografias, maquete, textos, vídeos e colagens
tamanhos variáveis

A instalação Protótipos/Cortado foi realizada em 2012. Um dos principais trabalhos dessa instalação era a continuidade do projeto Protótipos - colagens, a realização de colagens com as fotografias do acervo pessoal e dos arquivos de bombardeio de Londres, e fotografias de livros do período da Segunda Guerra, assim como de algumas escavações arqueológicas. Ao longo dos 2 meses de exposição as fotografias disponíveis para recorte ficavam dispostas em uma mesa e 2 vezes por semana uma monitora recebia e conversava com os visitantes, convidando-os a realizarem colagens com as imagens. As colagens ficavam dispostas na parede construída como parte da instalação.



Colagens realizadas pelos visitantes



Link para o catálogo da
exposição
Protótipos/cortado
<https://bit.ly/3v1ndHv>



CRISTINA RIBAS

Arquivos do presente

2009

exposição da pesquisa Arquivos do presente, do Arquivo de emergência, com documentos, fotografias e registros de oficinas e entrevistas realizadas

Museu da Maré, Rio de Janeiro.

O Projeto Arquivos do presente, histórias e ações para o futuro foi realizado por A Arquivista e Cristina Ribas e realizado em parceria com o Ponto de Cultura Museu da Maré, contemplado no Edital Interações Estéticas – Residências artísticas em Pontos de Cultura da Funarte.

O projeto relacionou dois arquivos: o Arquivo de emergência (uma pesquisa em artes) e o Arquivo Dona Orosina Vieira, que pertence ao Museu da Maré, e que guarda grande quantidade de material documental da história do bairro e de outras favelas do Rio de Janeiro. Conhecer o Arquivo do Museu confirmou um desejo de trabalhar na capacidade dos arquivos no fomento à memória e à produção de “desarquivamentos” que articulam a história e a política locais e contextuais.

O projeto Arquivos do Presente investigou também, portanto, a relação entre prática artística e produção de memória como formas de de ação no presente, considerando especificidades da vida e da cultura do Bairro Maré.



Diagrama - Habitação Social

2010

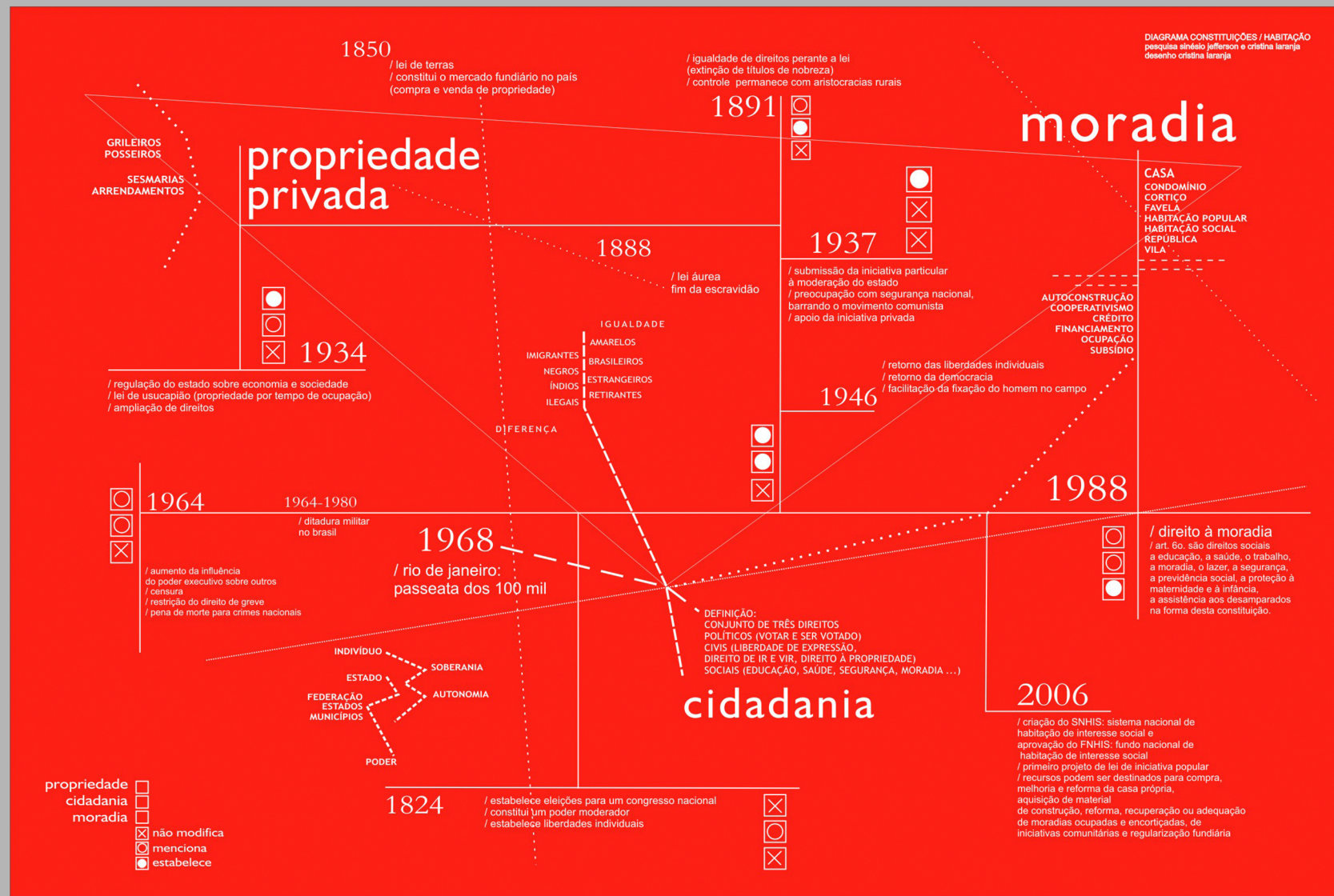
digital, CorelDraw, A3
pintado em uma das paredes
do Museu da Maré

Pesquisa: Sinésio Jéferon e
Cristina Ribas.
Desenho: Cristina (Laranja)
Ribas

Pesquisa e diagrama realiza-
dos para a exposição sobre
Habitação Social no Museu da
Maré, Favela da Maré, Rio de
Janeiro.

O diagrama cria uma espécie
de linha do tempo que rela-
ciona temas, protagonistas,
direitos adquiridos ou perdi-
dos.

O diagrama foi pintado à mão
na parede externa do Museu,
no pátio do Museu da Maré
(Rio de Janeiro), com cerca de
2 m de altura e 3,5 m de largu-
ra.





Ela (Histórias de Papel)

2013

cartazes em espaço público, coleta de histórias, 150 papéis A3 amassados com fotografias e textos

“Histórias de papel” foi desenvolvido a partir de um enunciado que encontrei na imprensa brasileira em 2010. *‘Ela está disposta a se entregar e contar toda a verdade. É trabalhadora e tem residência fixa, além disso, não tem passagem pela polícia.’* Este enunciado foi adaptado (ou transduzido) para o português de Portugal e espalhado pelos arredores do bairro do Intendente em Lisboa em cartazes A3 colados pelas ruas. A partir dessa ação fui tomando conhecimento da vizinhança, dos tipos de trabalhos que se desenvolviam e traçando conversas com seus passantes e moradores.

Eu pretendia poder levantar histórias de vida que respondessem de alguma maneira ao enunciado.

A partir da coleta de histórias escrevi vinte e cinco narrativas, mais ou menos fictícias. Enquanto andava e conversava ia fazendo fotografias. Textos e imagens foram impressos em preto e branco em papéis amarelados, e amassados.

Na montagem os papéis amassados foram dispostos no chão, formando uma pequena montanha irregular.

Para ler, o público deveria agachar-se e desamassar os papéis. Os papéis poderiam ser levados pelas leitoras e leitores, apostando assim numa continuidade da circulação das histórias como possíveis novos enunciados.

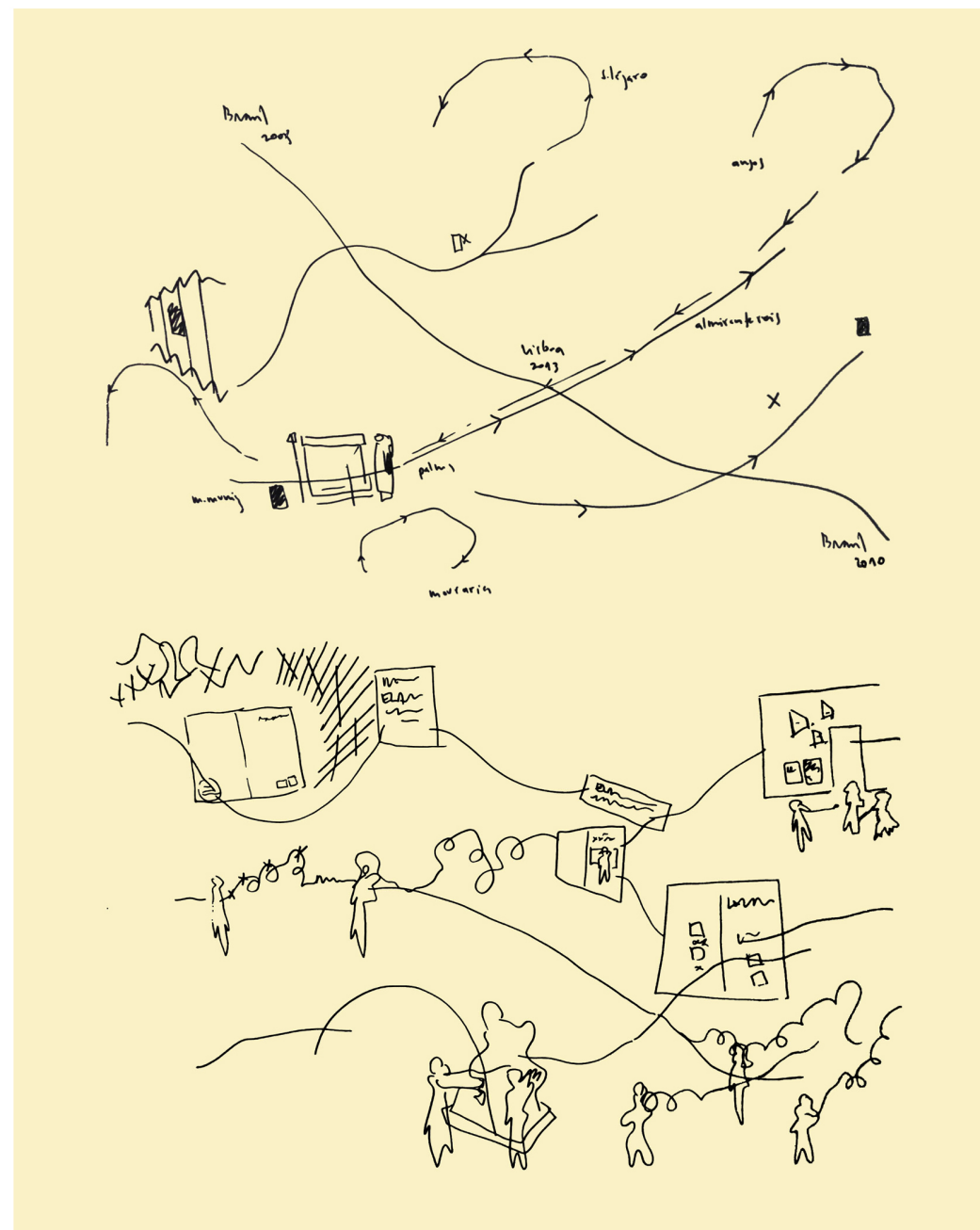
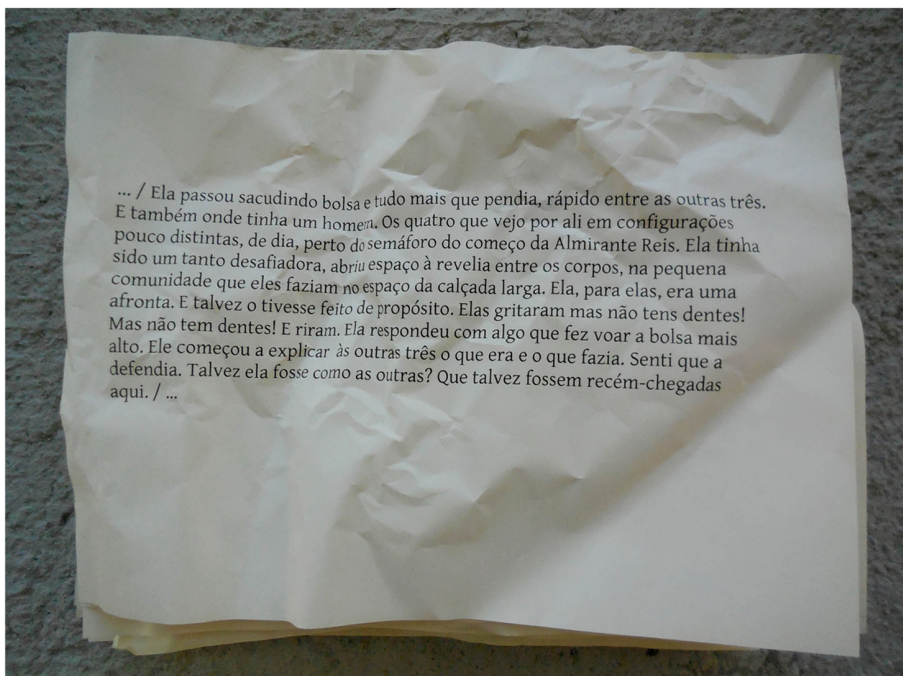
Algumas das histórias foram re-distribuídas no Intendente na mesma noite da exposição final (ver foto). Junto aos papéis amassados apresentei também dois desenhos que são como cartografias ou diagramas daqueles dias de trabalho - trazendo a um mesmo plano a aparição do enunciado, como eu o venho agenciando em diversas ações, a colagem de cartazes e coleta de histórias.

Imagens

Acima: instalação montada (direita) e papéis espalhados na rua (esquerda)

Esquerda: instalação montada, trabalho em processo

Lisboa, 2013



Ela (Histórias de papel), 2013

Imagens

Acima: uma de 25 narrativas criadas

Direita: desenhos/diagramas expostos como parte da instalação montada
Lisboa, 2013

CRISTINA RIBAS

AÇÃO/DIAGRAMA, 2009-2010

diagrama contruído a partir de uma pesquisa
ação pública de desenho de um novo diagrama a
partir do referente

projektor, papel, canetas

O diagrama apresenta parte de uma pesquisa realizada por cerca de 7 meses no complexo de favelas da Maré, no Rio de Janeiro. Consultei o Arquivo Dona Orosina Vieira, no Museu da Maré, e também entrevistei quatro fotógrafos da comunidade e uma artista que trabalha com fotografia.

Davi Marcos, Francisco Valdean, Naldinho Lourenço, Ratão e Aude Chevalier.

O diagrama foi produzido como forma de difundir a pesquisa e colocar movimento uma quantidade significativa de informação sobre o que concerne a produção política de imagens em uma favela e as forças em ação mais ou menos institucionais neste espaço.

Assumindo uma complexidade, organizei sobre um mesma superfície de papel títulos de matérias de jornal, ferramentas de concatenação [FC] de outro arquivo (Arquivo de emergência), assim como conceitos, palavras e nomes que surgiram nas conversas e entrevistas.

O diagrama é distribuído gratuitamente e colado em escolas e universidades (tamanho A3). Nas ruas do Rio de Janeiro é colado em tamanho A2. É sugerido que as pessoas desenhem sobre o diagrama.

Em atividades coletivas realizamos uma "leitura pública" do diagrama, de forma a realizar outro desenho ou diagrama a partir deste. Imagens reproduzidas ao lado. (Tamanho final do diagrama: 3 x 4 m)



http://arquivodeemergencia.wordpress.com
http://arquivosdopresente.wordpress.com
arquivo-se@hotmail.com
rabisque neste diagrama, e forme novos textos

COMUNIDADE DA MARÉ EXIGE FIM DA VIOLÊNCIA POLICIAL 25/10/2006
ATO CONTRA VIOLÊNCIA POLICIAL DENUNCIA MORTE DE CRIANÇAS NO RIO 25/10/2006
TRÁFICO PROÍBE IMAGENS E INTIMIDA CANDIDATOS 03/08/2008
UM BATALHÃO NO MEIO DO FOGO CRUZADO 12/10/2003
CÂMERAS DE VÍDEO PARA FISCALIZAR PMS sem data
MARIDO ENCONTRA CORPO DE MULHER QUE FOI ATROPELADA NA LINHA VERMELHA 09/03/2008
PROTESTO FECHA AVENIDA BRASIL EM RAMOS 17/06/2006
Policiais são acusados durante manifestação contra morte de dois jovens na Favela Roquete Pinto
DATAS MARCANTES SÃO COMEMORADAS NOS BAILES COM CERVEJA E VODKA DE GRAÇA 10/03/2008
À ESPERA DO PRESIDENTE
Comunidades se mobilizam para receber Lula na inauguração das obras do PAC, sexta-feira
Moradores preparam camisetas e faixas, estudantes não terão aulas e coral deverá cantar, sem data
MANIFESTAÇÃO CONTRA A POLÍCIA NA MARÉ
População escolhe o Dia das Crianças para protestar contra ações violentas constantes da PM em comunidades carentes vizinhas 11/10/2006
PASSEATA PEDE FIM DE MORTES DE CRIANÇAS E INVESTIMENTOS EM EDUCAÇÃO 11/1/2006
UMA FESTA COM TODAS AS CORES DO BRASIL
Noite de premiação do Faz Diferença retrata a diversidade do país; mensagem de pedreiro a jovens emociona 13/03/1980
O "TRAFICANTE DE LIVROS" DE RECIFE
Morador da favela transforma barraco em biblioteca, que recebe por dia 30 crianças e adolescentes 15/08/2008
AGRESSÃO, MASCULINIDADE, VIZINHANÇA E ESPORTE 01/08/2007
MAIS QUE GAROTOS FAZENDO ARTE 08/07/1991
POPULARES NOS DOIS SENTIDOS 19/08/2007
TRÁFICO EMPREGA MAIS DO QUE PM
Dados mostram que recrutamento de jovens cresceu 27,5% em quatro anos 04/12/2006
NOVE ENTRE DEZ JOVENS DELINQUENTES VIVEM DA DROGA
Adolescentes representam 70% dos processos na 2a. Vara da Infância e da Juventude
Projeto Soldado Navel Mais usa ex-criminosos para afastar crianças do comércio ilegal 04/12/2006
A CIDADE E AS FAVELAS 04/07/2006
E O QUE ERA GUETO GLOBALIZOU
Para o autor de *Planet of Slums*, livro sobre o crescimento das favelas no mundo, só com muito investimento se conserta a cidade 04/07/2006
ESCOLA DE FOTÓGRAFOS POPULARES
Com uma câmera na mão eles mudaram a própria história. Tudo começou em 2006. Depois de uma tentativa frustrada, a comunidade criou a Escola de Fotografia Popular, entidade dedicada a projetos sociais no estado, com o objetivo de formar jovens fotógrafos populares - criada no Complexo da Maré pelo Observatório de Favelas, entidade dedicada a projetos sociais no estado, com o objetivo de formar jovens fotógrafos populares
ALERTA PELOS JOVENS 05/08/2009

Encontros e ausências: conversas sobre imagens

Cristina Ribas

Com a participação em algumas manifestações na Maré junto com o Bóco se Benze que Dá e em uma conversa com Olívia, da Ong Ben TV (de Niterói), comecei a tomar conhecimento da produção fotográfica da Maré. Minha pesquisa junto ao Grupo de Pesquisa em Artes no Projeto Arquivos do Presente se concentrou na produção fotográfica da Maré a partir de indicações de amigos e da realização de conversas informais ou entrevistas com fotógrafos que, depois descobri, são formados pela Escola de Fotógrafos Populares. Na Maré há muitas iniciativas que desenvolvem a linguagem fotográfica como instrumento de registro, criação poética e mobilização da comunidade. Entrei em contato com Davi Marcos, Francisco Valdean, Ratão Diniz e Rosinaldo Lourenço. Simultaneamente Aude Chevallier, uma artista francesa, realizava uma exposição no Centro Cultural da Justiça Federal. Aude acompanhou por mais de um ano o enterro de pessoas (a grande maioria meninos e homens assassinados) por arma de fogo, mortes identificadas pela sigla P.A.F. Esse se tornou o título do projeto da artista. Aude também foi entrevistada. A convivência com a Maré e as costuras de fatos e políticas de extermínio das quais eu me aproximava pelo cotidiano foram bastante intensas. A pesquisa no Arquivo Dona Orosina Vieira (ADOV) e as conversas com a equipe do Arquivo trouxeram uma outra dimensão desta realidade, talvez histórica. Após alguns meses comecei a organizar as reflexões do que antes era uma espécie de diário disperso de pesquisa. Na exposição final do Projeto Arquivos do Presente entre julho e agosto de 2009 expus esta pesquisa em um canto da sala de exposição, colocando pastas suspensas com as entrevistas e algumas imagens dos fotógrafos. Acima das pastas estavam fotocópias das matérias de jornal que coletei no ADOV e que neste material são citadas pelos títulos e datas (acima).

Jornal

Vasculhando no ADOV selecionei algumas matérias de jornal que apresentam as diversas vozes implicadas nas políticas públicas e nas lutas sociais da Maré e dos espaços de vida caracterizados como “favelas”. No Rio de Janeiro, e assim evidentemente em outros lugares, devemos olhar atentamente para as fontes que produzem e emitiram informações de um acontecimento. A imprensa paga tende a receber releases de informação da polícia diretamente, e não das vozes das comunidades e, por isto podemos nos espantar ao tomar conhecimento de um fato que não aconteceu daquela forma, nem cujas razões foram aquelas explícitas na matéria. Por outro lado, percebi que os jornais de Sindicatos e de comunidades muitas vezes buscam ou recebem informação diretamente dos movimentos sociais ou das associações de moradores e, por isto, produzem uma fala mais crítica em relação à situação atual das favelas e das comunidades no Rio de Janeiro onde existem outros “movimentos”: o tráfico e as milícias.

Fotografia

Há muito tempo eu não olhava tão atentamente para poucas imagens. E por isso foi interessante conversar sobre esse desejo e essa urgência: produzir imagens. Atualmente as imagens respondem muito à produção de um mercado de consumo. A imagem se torna então um dispositivo gratuito de permissividade, e muitas vezes descolado de um contexto de significação por ter que produzir um efeito do desejo de consumo... Fiqui pensando então em como um potencial crítico sobre as imagens emerge apenas quando as contextualizamos, ou seja, quando recolhemos mais informação ao redor das condições de produção das imagens. As fotografias têm à sua forma um transporte, e por que não dizer um tráfico: elas vão longe em diversas mídias (digital,

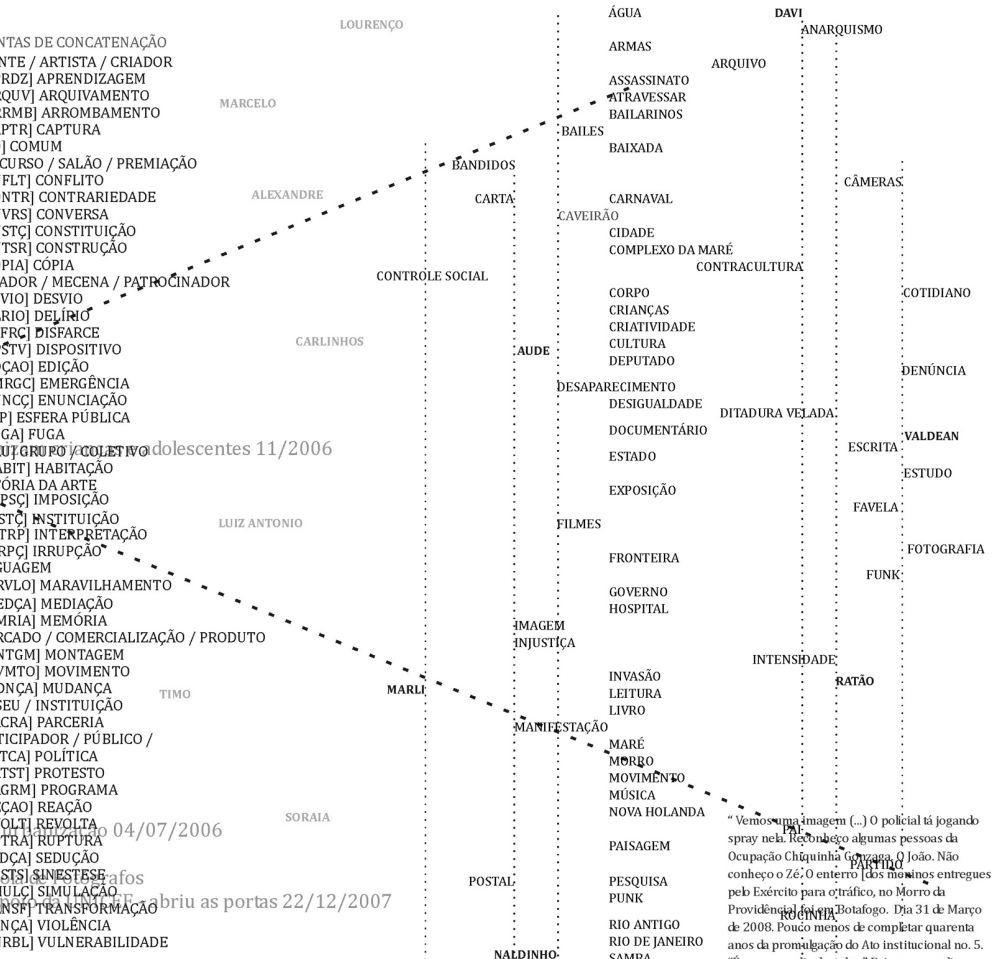
internet, tantas outras) e levam uma informação estrita, algo que precisa ser mostrado. E nesse sentido foi interessante começar a mobilizar imagens e legendas, como as chamadas das matérias de jornal que criam outras imagens, analisando quanto há de uma produção estigmatizada, imposta à realidade social das favelas; e, por outro lado, como se pode pensar a imagem como índice, propondo uma leitura crítica que se informa com a pesquisa. De uma maneira, a imagem pode provar o que aconteceu. E neste caso, na Maré, ela se faz absolutamente necessária como denúncia e como atestado de vida.

Leitura

Ao longo destes meses além das pesquisas no ADOV, três publicações tem me acompanhado e sugiro como leitura para acompanhar este diagrama: o livro “A Câmara Clara”, de Roland Barthes; o livro de prosa “1001 noites no Carandiru” de Franco Terranova; e uma revista publicada pelo Instituto Goethe, Humbolt (no. 98), com uma edição especial “Presença da Morte.” Os livros estavam na exposição para que os visitantes pudessem ler.

Escrita

Em cada entrevista ou conversa com fotógrafos e com amigos, ou a cada vez que eu retomava os trabalhos de pesquisa me vinham muitas sensações e palavras desejando formar textos. A passagem por um território de signos e enunciados pode incitar a formação de textos que contextualizem, que exponham, que protestem. Os escritos de secretos aqui se fazem públicos em fragmentos. Acima dispus uma lista de “assuntos” anotados nas pesquisas no ADOV e também palavras e sensações a partir das entrevistas e conversas. Na listagem ao centro você encontra as ferramentas de



concatenação [FC] do projeto Arquivo de emergência. Caso você queria dar continuidade a esta montagem de imagens, situações e fatos como forma de dialogar, interagir, protestar e tentar compreender a perplexidade da vida neste contexto de práticas de extermínio por parte do estado, e onde a força das lutas locais não pode ser silenciada, minha sugestão é que você use estas palavras soltas para mobilizar novas escritas.

Ler cada novo livro com aquela memória das conversas e seguir caminhando pelas ruas da Maré com suas mensagens, leituras, imagens na cabeça. Se eu expusesse uma série de imagens, todas todas as imagens que tenho visto, deixaria o outro tanto, assim como eu também eventualmente fico... Mas insisto na intenção de deixar que o outro veja o que tem passado pelos meus olhos. (Não sei se como câmera-olho, talvez não.) Ao mesmo tempo que tudo parece estar evidente, não há espaço para o grito direto, e nem as soluções de uma realidade remontada, de uma história tão recente. Não se precisa ir longe ao passado. Aquelas forças que agem provocando contradições e confrontos estão como há 5 ou 10 anos atrás. E podemos medir sua insistência. O aumento de sua força. Minha presença se trata de um começo, e tampouco sei que possibilidade criativa seria também política neste lugar, por que vêis, já há tanto para ver. Observo pobrezinhas que não posso tocar.

Veja ao redor, o que lhe mostra é apenas um pedaço de uma realidade múltipla produzida não apenas pelos meus olhos que a percebem, mas pelos corpos de tanta gente inteira e aos pedaços. Subjetivamente aos pedaços. Os corpos sobrevivem às perfurações? Lembra a anotação que fiz para o texto de um amigo, remetendo-me diretamente para a Maré: “Sembar de Epicuro, tudo o que existe além da morte ou do medo da morte.” Então olho ao redor e vejo um senhor que passa com um carrinho de garrafas PET. O pacote sobre o carrinho é imenso, penso logo “é maior que o seu corpo em pé”.

Começaria escrevendo a frase que me veio durante a conversa com o Valdean. Falamos da Clarisse (devo procurar aquele vídeo), do “13º tiro sou eu, que morri”. Então nos minutos seguintes que ele foi, eu fiquei pensando que escrevo porque posso morrer. E aquela inversão que existe num trecho do livro do Francisco Terranova. O livro trata da chacina do Presídio Carandiru, em 1992. Aquela que mata é ele, depois é você, depois sou eu. Há diversas mortes. Elas são intoleráveis. Inquietantes. Vem de novo e de novo aquelas frases não ditas sem sentido que os fakes e os cadáveres do Coletivo Situações há muito vinham me dizer. Um perigo iminente se sente aqui mais de perto do corpo. Não como ficção romântica, mas como aquela mesma imagem da vulnerabilidade das corpos (que são vivos) que falei no texto sobre o trabalho do estado. Escrevo não por que temo morrer mas, antes, por que estou viva.

Camuflagem

Reli o pedaço do texto do Derrida: (...) gênero daqueles que têm lugar, por natureza e por educação. Vós sois, pois, ao mesmo tempo filósofos e políticos. (...) estratégia (...) de Sócrates (...) desorientante (...) enriquecedora (...) simulaculo sobre-se entre aqueles que simulam (...) pertencer ao gênero daqueles cujo gênero consiste em simular (...) a pertinência a um lugar e a uma comunidade (...)

DERRIDA, Jacques. Khôra. São Paulo: Papirus, 1995.

“Por mais que eu me considere da arte, eu acho que algumas coisas a arte interpreta de outra forma. Um exemplo: nós vamos escrever um conto sobre a Maré, se formos escrever “artisticamente” não vamos ter muita preocupação com questões que a sociologia teria. Eu se vou escrever um artigo, me embaso em todas as coisas que são aquelas coisas chatas da ciência. A arte é meio livre. Arte não tem resposta. Arte não aponta resposta. Então eu tenho este embate. A arte não responde e quem tem contato com ela é que vai ter a suas respostas. Tem sido muito legal para mim para desenvolver minha escrita e ter mais contato com arte.” Francisco Valdean, fotógrafo, professor de fotografia e estudante de Ciências Sociais 17/04/2009



CRISTINA RIBAS
MÓDULO CINZA ANECÓICAS
2008

carro, rádio, áudio e espuma. travessia de 22 túneis
 dimensões do módulo cinza: 38 cm (alt.) x 160 cm
 (comp.) x 56 cm (larg.) tempo total do áudio: 44 min

O trabalho é constituído de 16 peças sonoras, correspondentes ao som do rádio e do ambiente gravado na travessia de 22 túneis da cidade do Rio de Janeiro. O rádio perde sintonia a medida que a travessia do tunel começa. O público experimenta este dispositivo em cinco módulos cinza, feitos de espuma, cujas dimensões reproduzem bancos de granito do centro da cidade do Rio de Janeiro (ver foto da ação realizada).

O trabalho foi concebido para uma galeria comercial, e as peças podem ser adquiridas unitariamente. Para cada uma há um valor que corresponde ao tempo de travessia do túnel.

Exposição: Galeria Anita Schwartz, Rio de Janeiro,





MÓDULO CINZA ANECÓICAS

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/04/policia-investiga-participacao-de-uma-terceira-pessoa-na-pichacao-do-cristo.html>

26/04/2010 09h24 - Atualizado em 26/04/2010 09h24

Policia investiga participação de uma terceira pessoa na pichação do Cristo.

Segundo suspeito se apresentou no final de semana. Os dois pichadores vão responder em liberdade.

A polícia investiga se existe uma terceira pessoa envolvida na pichação do Cristo Redentor. O segundo homem acusado de participar do ataque ao monumento se apresentou no sábado (24). ANÔNIMO, de 24 anos, confessou o crime, segundo a polícia. Ele disse que pretendia fazer um protesto, mas seu argumento apresentado por ANONIMO, que também já se entregou a polícia. Os dois vão responder em liberdade por crime ambiental e injúria.

"Ele está sendo indiciado, o que não impede a Justiça de emitir a prisão a qualquer momento. Pelos delitos que colhemos até aqui, a pena seria a prestação de serviços comunitários. Mas agora cabe à Justiça", declarou, na época, a delegada titular da DPMA, Juliana Emerique, depois de ouvir o pintor de paredes ANÔNIMO. No dia 15, a estátua do Cristo Redentor amanheceu pichada em parte dos braços e na face. As pichações diziam "Onde está a engenheira Patricia?" e "Quando os gatos saem os ratos fazem a festa".

<http://www.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult951r2815.shtml>

30/04/2010 - 09h37

Pichadores do Cristo Redentor vão ajudar na limpeza de túnel na zona sul do Rio

DIANA BRITO
da Sucursal do Rio

A Prefeitura do Rio vai lançar na manhã desta sexta-feira o programa Anti-pichação na cidade. Para marcar o início da ação, o pórtico de entrada do túnel Novo, em Botafogo, zona sul, será limpo por funcionários da prefeitura e pelos acusados de pichar o Cristo Redentor em meados de abril.

De acordo com a prefeitura, ANÔNIMO, 28, e ANÔNIMO, 24, que já se entregaram à polícia, vão trabalhar na limpeza completa do túnel. Eles confessaram que picharam o monumento do Cristo dias depois do crime. O prefeito Eduardo Paes também vai apresentar um novo equipamento que será usado na remoção das pichações. Além de sujo, o túnel Novo possui várias manchas pichadas por vândalos. De acordo com a delegada-titular da DPMA (Delegacia de Proteção do Meio Ambiente) no Rio, Juliana de Amorim, os pichadores foram indicados por pichação e injúria por preconceito. Sobre formação de quadrilha, a delegada não descarta a hipótese deles integrarem um grupo organizado, mas disse que ainda não há provas. A pichação está prevista no artigo 65 da lei de crimes ambientais e a pena varia de 6 meses a um ano de prisão, por ser monumento tombado, mais multa a ser definida pela Justiça. Já no caso de injúria, a pena varia de 1 a 3 anos de reclusão e multa. Porém, a delegada disse acreditar que os acusados serão liberados pela Justiça para prestar serviços comunitários. "Estamos diante de crimes cometidos sem violência ou grave ameaça, dependendo do patamar que for concedido, com certeza vamos ter a substituição dessa pena por prestação de serviços, considerando que se trata de um monumento histórico conhecido mundialmente os acusados poderão vir a prestar serviços de limpeza em outras pichações", justificou a delegada.

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/04/pichadores-do-cristo-inauguram-projeto-de-faxina-no-rio.html>

30/04/2010 10h34 - Atualizado em 30/04/2010 12h28

Pichadores do Cristo inauguram projeto de faxina no Rio

Programa contra pichação começa pelo Túnel Novo, em Botafogo. Cristo amanheceu pichado na quinta-feira (15) nos braços e na face.

Os dois pichadores que se entregaram à polícia após ato de vandalismo no Cristo Redentor inauguram, nesta sexta-feira (30), o projeto antipichação da prefeitura do Rio, no Túnel Novo, em Botafogo, Zona Sul. De acordo com o secretário de Conservação e Serviços Públicos, Carlos Osório, o programa começa pela fachada voltada para o bairro de Botafogo e se estende por todo o túnel.

Com isso, os túneis do Pasmado e Velho também serão limpos. Essa primeira limpeza, em parceria com a iniciativa privada, custará R\$ 200 mil e vai durar 20 dias.

Ainda de acordo com o secretário, outros pontos da cidade serão beneficiados em uma segunda etapa do programa. Entre eles há atrações turísticas e outros túneis pichados. Também como parte do projeto, a Secretaria de Ordem Pública dará início à repressão dos pichadores.

"Como os mijões foram combatidos no carnaval, agora os pichadores serão combatidos", disse o secretário Carlos Osório.

O secretário informou, ainda, que os pichadores realizam o trabalho voluntariamente. O processo na Justiça segue normalmente. "Tivemos conhecimento de que eles estavam arrendidos por terem pichado o Cristo e os convidamos para o trabalho no Túnel Novo. Esta ação é voluntária, mas pode atenuar a pena dos dois", acredita o secretário.

Pichadores demonstram arrependimento

A estátua do Cristo Redentor amanheceu pichada no dia 15 de abril, em parte dos braços e na face. As pichações diziam "Onde está a engenheira Patricia?" e "Quando os gatos saem os ratos fazem a festa". Segundo a polícia, os acusados ANÔNIMO, de 28 anos, e ANÔNIMO, de 24, tentaram se justificar afirmando que o ato foi um protesto para alertar sobre pessoas desaparecidas.

"Agora queremos dar a volta por cima e mostrar que podemos servir de exemplo para outros pichadores", disse ANÔNIMO, demonstrando arrependimento. Já ANÔNIMO acredita que a ação vai inibir novos vândalos: "Este túnel vive sendo pichado. Vamos ver se agora as pessoas se conscientizam".

Para a limpeza do túnel, a prefeitura investe em uma nova tecnologia. "Estamos testando uma máquina que remove a sujeira com jatos de gelo seco. O método é mais rápido. Após a limpeza, aplicamos um produto que evita que novas pichações penetrem na parede", explicou Carlos Osório.

Prefeito perdoa pichadores

De acordo com o prefeito Eduardo Paes, uma outra vertente do projeto antipichação estimula os grafiteiros: "Estamos determinando alguns espaços públicos para que os artistas possam se expressar através do grafite. A Fachada da secretaria de Conservação já está sendo grafada", revelou.

O prefeito acrescentou que o ato dos pichadores é louvável. "A cidade do Rio já os perdoou", concluiu.

<http://www.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult951r28353.shtml>

30/04/2010 - 14h3

Pichadores do Cristo tiram fotos e dão entrevistas ao lado de políticos no Rio

DIANA BRITO
da Sucursal do Rio

Os dois pichadores que se entregaram à polícia após ato de vandalismo no Cristo Redentor ganharam fama de celebridade nesta sexta-feira ao posarem para fotos ao lado do cantor Wagunho, pré-candidato ao senado pelo PT do B, e do Prefeito do Rio Eduardo Paes (PMDB).

Com macacões azuis e luvas de proteção, ANÔNIMO, 28, e ANÔNIMO, 24, inauguraram como garotos-propaganda um projeto municipal antipichação, no túnel Novo, em Botafogo, zona sul do Rio. "Foi uma iniciativa nossa, do pastor Marcos Pereira da Silva e do Wagunho. Eles entraram em contato com a prefeitura e facilitaram bastante o nosso trabalho de limpeza aqui. Nós concordamos porque aqui é um local que todo mundo passa, é muito movimentado e a ideia é mobilizar outros pichadores ou ex-pichadores que queiram colaborar com a cidade do Rio. Até agradeço a oportunidade de colaborar porque a nossa imagem estava ruim", disse ANÔNIMO.

O prefeito do Rio afirmou que o ato dos pichadores é louvável e demonstra arrependimento. Segundo Paes, a prefeitura vai determinar espaços públicos para que os artistas possam se expressar através do grafite como já é feito na fachada da Secretaria de Conservação e Serviços Públicos. "Essa demonstração deles [pichadores do Cristo] de vir ao público se apresentar e querer cumprir obrigações com a cidade é um exemplo. O que nós vamos fazer agora é estimular as pessoas a terem essa atitude", disse Paes. Os pichadores do Cristo disseram que pretendem realizar o trabalho voluntário de limpeza do túnel apenas hoje e amanhã. "A gente se ofereceu para limpar outros monumentos também. O nosso trabalho aqui no túnel vai só até amanhã", disse ANÔNIMO.

"Essa ação pode mudar a ótica do magistrado em relação ao caso. Não só por eles terem se apresentado à polícia, mas também por serem primários e terem residência fixa", disse o advogado dos acusados, Alexandre Magalhães Braga, que ainda destacou que tenta agendar um encontro com o arcebispo do Rio dom Orani João Tempesta. "É para pedir perdão aos católicos", disse. De acordo com o secretário de Conservação, Carlos Osório, o programa no túnel Novo começa pela fachada voltada para o bairro de Botafogo e se estende por todo o túnel. O secretário disse ainda que outros pontos da cidade também serão beneficiados em uma segunda etapa do programa, entre eles atrações turísticas e outros túneis pichados.

A prefeitura informou que os túneis do Pasmado e Velho também serão limpos. Essa primeira limpeza no túnel Novo, em parceria com a iniciativa privada, custará R\$ 200 mil e vai durar 20 dias. Também como parte do projeto, a Secretaria de Ordem Pública dará início à repressão dos pichadores. "Como os mijões foram combatidos no Carnaval, agora os pichadores serão combatidos", disse Osório.

ANÔNIMO

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/04/estatu-do-cristo-amanheceu-pichada.html>

15/04/2010 17h26 - Atualizado em 19/04/2010 11h47

Estátua do Cristo Redentor é alvo de pichação

Segundo prefeito Eduardo Paes, monumento já está sendo limpo. Policia Civil e Federal investigam o caso.

Bernardo Tabak Do G1, no Rio

O braço direito da estátua foi pichada.

O prefeito Eduardo Paes informou que a limpeza já começou

A ministra do Meio Ambiente, Izabella Mônica Vieira Teixeira, admitiu nesta quinta-feira (15) que a estátua do Cristo Redentor amanheceu pichada em parte dos braços. A estátua está coberta de andaimas e com os acessos a turistas fechados, já que houve diversos deslizamentos que interromperam a estrada que leva ao local, durante a chuva que atingiu o Rio.

O prefeito do Rio, Eduardo Paes, afirmou que a prefeitura já está limpando o monumento. As pichações diziam "Onde está a engenheira Patricia" e "Quando os gatos saem os ratos fazem a festa".

De acordo com Paes, a Polícia Federal e a Polícia Civil já estão envolvidas no caso e irão prender o que ele classificou como "criminosos". Para Paes, o caso é um "crime de lesa-pátria".

Em março deste ano, uma pichação no túmulo do apresentador de TV Abelardo Barbosa de Medeiros, que ficou conhecido no Brasil inteiro como Chacrinha, também mencionava o desaparecimento da engenheira. A frase dizia "Cadê eng. Patricia". Monumento isolado

Com as chuvas, o monumento ficou isolado após deslizamentos interditarem o bondinho do Corcovado e as principais vias que levam à estátua.

Na terça-feira (13), a Secretaria municipal de Obras do Rio informou que pretende liberar as vias de acesso ao Cristo Redentor até o dia 21 de abril, feriado de Tiradentes. De acordo com a secretaria, a Geo-Rio já iniciou o trabalho de limpeza e obras de contenção no Parque Nacional da Tijuca, que inclui as vias que levam ao Corcovado. Ainda segundo a secretaria, as obras vão durar seis meses e terão foco na desobstrução das vias na estrada de ferro.

Patrimônio nacional
Símbolo do Rio de Janeiro, o Cristo Redentor foi tombado definitivamente como patrimônio nacional em dezembro de 2009. Desde janeiro deste ano, ele vem passando por uma reforma orçada em R\$ 7 milhões. O monumento, de 38 metros de altura - localizado no Morro do Corcovado, dentro do Parque Nacional da Tijuca - foi inaugurado em 1931. A estátua, feita de pedra-sabão, foi eleita uma das novas sete maravilhas do mundo no dia 7 de julho de 2009.

<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,cristo-redentor-e-pichado-seguranca-nao-tem-pistas-de-vandalos,33874,0.htm>

15/04/2010, 20h 04

Cristo Redentor é pichado; segurança não tem pistas de vândalos

Oito câmeras de segurança estão fora do ar desde temporal do último dia 6. 'Nós não esperávamos uma ação covarde como esta', afirmou chefe do Parque Nacional da Tijuca

RIO - As oito câmeras de segurança do Cristo Redentor estão fora do ar desde o temporal do último dia 6 e não há imagens dos vândalos que picharam o braço da estátua na madrugada desta quinta-feira, 15, informou o chefe do Parque Nacional da Tijuca, Bernardo Issa. Segundo Issa, a segurança no Cristo é feita por uma empresa particular, mas os agentes não perceberam a movimentação. "A área é muito grande. E nós não esperávamos uma ação covarde como esta", afirmou Issa. Guardas florestais reforçam a segurança.

Os pichadores fizeram inscrições como "onde está a engenheira Patricia?" e "quando os gatos saem, os ratos fazem a festa". A engenheira Patricia Franco, desapareceu em junho de 2008. Quatro policiais militares são acusados de terem atirado na engenheira e de terem sumido com o corpo. Aguardam o julgamento em liberdade. "Isso não é protesto, é ato de vandalismo. Nossa família jamais faria isso nem nenhum dos nossos amigos. Repudiamos esse tipo de atitude", afirmou o pai da engenheira, Antônio Celso Franco. Primeiro episódio
O Cristo já havia sido alvo de vândalos, em novembro de 1991. Dois paulistas de 17 anos fizeram inscrições na base do monumento, sem atingir, no entanto, as pedras de sabão que recobrem a estátua. A época, investigação da Guarda Municipal apontava que a ação tinha se originado numa aposta entre gangues de pichadores.

Rio de Janeiro São Paulo 2010

<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/04/15/cristo-redentor-foi-pichado-com-assinaturas-inscricoes-de-protesto-96350814.asp>

15/04/2010, 18h 12

Cristo Redentor foi pichado com assinaturas e inscrições de protesto

RIO - Em visita ao Parque Nacional da Tijuca, a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, confirmou na tarde desta quinta-feira que a estátua do Cristo Redentor foi pichada. A informação extra-oficial sobre a ação de um vândalo circulava na cidade desde cedo. A ministra sobrevoou o parque junto com o prefeito Eduardo Paes e a direção da unidade de conservação. Segundo Paes, a polícia já foi acionada para investigar os autores do ataque, que cobriram o monumento com assinaturas e algumas inscrições de protesto. Na visita, a ministra anunciou que irá repassar à prefeitura R\$ 10 milhões para obras de contenção no Parque Nacional da Tijuca.

- Nós vamos descobrir o responsável pelo ataque. É inadmissível que no momento que a cidade está passando, alguém pense em fazer uma coisa destas. A Comlurb já está atuando, junto com a empresa que faz a reforma na estátua, para retirar as pichações em até 48 horas - disse Paes, que prometeu ainda reforçar o esquema de segurança no entorno do Corcovado.

De acordo com o coordenador do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Marcelo Pecanha, o Cristo foi pichado em toda sua extensão. Sobre tudo nos braços, peito e rosto. O ataque teria ocorrido entre a noite de quarta e a manhã desta quinta-feira. A estátua está coberta de andaimas e com os acessos a turistas fechados, já que houve diversos deslizamentos que interromperam a estrada que leva ao local, durante a chuva que atingiu o Rio. - Escreveram frases como "onde está a engenheira Patricia?" e "quando os gatos saem, os ratos fazem a festa". Já acionamos a Polícia Federal e a 9ª DP (Catete) - disse Pecanha. Todas as câmeras de vigilância do Cristo estão desligadas desde os temporais da semana passada. Para o analista ambiental do ICMBio, Rogério Rocco, os bandidos podem ter se aproveitado da troca de turno dos vigilantes.

<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,MUL157313-5598,00-IPHAN+ESTUDA+TECNICA+PARA+LIMPAR+PICHACAO+NO+CRISTO.html>

16/04/10 - 17h03 - Atualizado em 16/04/10 - 17h05

Ipahan estuda técnica para limpar pichação no Cristo

Da Agência Estado

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Ipahan) no Rio de Janeiro faz testes para definir a técnica que será usada para a remoção da tinta na estátua do Cristo Redentor, recentemente pichado por vândalos. A limpeza será feita durante o fim de semana para evitar a consolidação da fixação da tinta aplicada pelos pichadores nos braços, rosto e peito do monumento.

O instituto informou, por meio de nota, que "em princípio será utilizado o solvente menos agressivo possível e indicado para o caso". Ontem, vândalos subiram nos andaimas da obra de restauro que cercam a estátua e picharam o monumento. Os pichadores escreveram frases como "onde está a engenheira Patricia?" e "quando os gatos saem, os ratos fazem a festa". Ninguém foi detido.

As inscrições foram vistas quando a ministra do Meio Ambiente, Izabella Mônica Vieira Teixeira, e o prefeito Eduardo Paes sobrevoavam o Parque Nacional da Tijuca. Paes classificou a ação como "crime de lesa-pátria".



Anônimo foi organizado por Cristiane Laranja na ocasião da 29.ª Bienal de Arte de São Paulo Rio de Janeiro / São Paulo 2010 difusão livre / proibida a venda

2011

Cartaz produzido para o festival Diálogos Abertos, Perdidos no Espaço na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
Mais informações sobre o projeto aqui <http://www6.ufrgs.br/escultura/z>

O cartaz quer se dirigir às políticas de produção de conhecimento no espaço da universidade, ao contraste entre a constante renovação e a constante destruição pensando processos subjetivos mas também econômicos, sociais, políticos. De que maneira existe a todo tempo uma articulação entre o que é conhecido e o que não é conhecido, entre o que é conservado e o que desaparece?

O cartaz foi concebido tomando emprestado de outro trabalho meu os enunciados 'lugar de destruição / lugar de construção / vamos ser amantes'. Esse enunciado foi usado em trabalhos em espaço público que fiz em Londres em 2009, dirigindo-se a questões de gentrificação e alteração de características de bairros.



Lições de Arquitetura, Lições de Urbanismo

(trabalho em processo)

2011

fotografia e back light, 3 imagens de 32 x 22 cm cada

A coleção de fotografias usadas em Lições é de minha autoria. Registra prédios modernistas tais como o COPAN (São Paulo), a Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, e algumas imagens das passagens subterrâneas para carros nos eixos de Brasília. Em meio a essas imagens aparentemente dessubjetivadas, meu corpo aparece como intervenção, interferindo na sua estabilidade, e talvez ajudando a resistir à fetichização daqueles prédios e estilo. As imagens não foram produzidas como fotografia clássica ou documental e querem funcionar mais como estudos da experiência naqueles espaços, tais como anotações esparsas a partir de teorias e conceitos. As imagens desenhavam uma narrativa incerta permitindo o olhar para detalhes e para elementos que apontam diversas ficções e singularizações nesses espaços e prédios que vivem um processo de constante de visibilização e invisibilização.

As imagens em branco abrem o que chamo de 'positivos totais', agindo como falhas nessas narrativas. Elas abrem espaços em branco desejando abrir lacunas para gestos e miradas não registradas, e sobretudo, as das participantes e dos participantes eles mesmos.

As imagens são organizadas como em uma folha de contato, impressas em papel de backlight.

